

REFLEXÃO SOBRE O ENSINO ACTUAL

Ao longo de mais de trinta anos de ensino, certamente que qualquer professor passou por muitas experiências pedagógicas. Umhas boas, outras más, todas elas contribuíram, no entanto, para fortalecer a nossa competência como professores.

Ao longo da sua vida profissional, o professor tem de se preocupar constantemente com três aspectos fundamentais: **competência técnica específica, competência pedagógica, competência atitudinal, de valores e emocional**. Todas estas competências são importantes, todas elas fazem parte de um todo que, quando incompleto, reduz a nossa eficácia profissional.

Como todos sabemos, ou já nos apercebemos, um bom professor do ponto de vista técnico da sua área disciplinar pode ser um mau professor nas competências pedagógicas ou até nas competências atitudinais, emocionais e de valores. Evidentemente que também há professores excelentes no campo pedagógico e que falham no campo técnico.

Portanto, há de tudo! Dizer qual é o melhor ou qual é o pior é certamente um problema complicado de resolver. O ideal será que cada um diagnostique (ou alguém diagnostique por si) as suas falhas e faça um esforço para melhorar a sua competência geral.

As diferentes experiências por que passamos ao longo da vida profissional ajudam-nos a limar muitas arestas, a tornar-nos mais eficientes, a compreender a psicologia do jovem, a compreender a influência do meio sobre os jovens, a estar atento às influências das novas tecnologias sobre as atitudes diárias dos alunos e, também, a ganharmos uma enorme ‘carapaça’ que, quando bem solidificada, se torna difícil de quebrar.

Na verdade, **a vida de professor não é nada fácil**, apesar do muito que se diz fora da escola. Temos, no entanto, de dar algum desconto, trilhar o nosso rumo e, simultaneamente, ir explicando de uma forma pedagogicamente correcta que **quem sabe do ensino é o professor**, o qual está diariamente em contacto com os alunos, observa muita coisa, compreende muita coisa, recalca muita coisa e tem de ser muitas vezes um pai ou uma mãe para muitos dos alunos. **Infelizmente, muitos pais e encarregados de educação não conhecem os filhos e os educandos**, mas pensam conhecê-los. Muitos professores conhecem melhor os alunos do que os próprios pais e encarregados de educação. O aluno tem, frequentemente, duas imagens, bastante diferentes: uma em casa e outra, na escola, inserido num grupo.

O Ministério da Educação revela também, frequentes vezes, não conhecer bem a realidade dos Ensinos Básico e Secundário.

O professor é daqueles profissionais que, por mais que queira esforçar-se, não consegue deixar na escola os problemas do dia-a-dia. O professor, para além das tarefas diárias da escola que tem de desempenhar em casa, traz geralmente para casa todos os episódios que ocorreram no dia-a-dia, arrastando muitas vezes a família para eles. Portanto, esta nunca é uma profissão igual à maioria das profissões.

É uma **profissão de grande desgaste**, principalmente psicológico, e que necessita frequentemente de acompanhamento médico e também de períodos de repouso, de reflexão, de fortalecimento – para recarregar baterias. As pausas escolares são fundamentais para os professores, são necessárias ao próprio ensino que só ganha em ter professores saudáveis, motivados e activos.

Um professor sem saúde, um professor desmotivado, um professor sem energia, é um professor que, para além de não dar o rendimento esperado, torna-se uma presa fácil para alunos indisciplinados ou para alunos menos bem formados e é, portanto, um foco de conflitos na própria turma.

A principal função do professor é ensinar e verificar se os alunos realmente aprenderam aquilo que se pretendeu ensinar. É isso que se lhe deve exigir. É essa que deve ser a sua principal função, é aí que a tutela, os encarregados de educação, a sociedade em geral, deve insistir para que os alunos saiam da escola bem preparados para a vida. As restantes funções são complementares, umas de grande significado pedagógico, outras discutíveis e passíveis de uma análise adequada.

As aulas de substituição, por exemplo, só fazem sentido se puderem contribuir em alguma coisa para a formação global do aluno. Se forem utilizadas apenas para reter os alunos na sala, então serão

completamente contraproducentes pois os alunos ficam contrariados na sala (aumentando a sua revolta e contestação), os professores ficam contrariados na sala (podendo estar a desempenhar tarefas de maior valor, em vez de serem damas de companhia), gerando-se muitas vezes conflitos que indispõem os professores, prejudicando o funcionamento das aulas normais de cada professor. Penso que a ninguém aproveita este tipo de aulas!

Que tipo de aulas devem ser as de substituição?

1. Aulas que formem e informem os alunos sobre conteúdos de interesse geral inegável
2. Aulas que abordem temas que sirvam para motivar os alunos no seu percurso escolar
3. Aulas das disciplinas da turma, leccionadas por outro professor dos respectivos grupos disciplinares
4. Aulas leccionadas por outro professor da turma, adiantando matéria, que pode eventualmente originar trocas com outros, mais tarde

Evidentemente que os pontos 3 e 4 obrigam a um cuidado particular durante a elaboração dos horários, assunto que as comissões de horários dirão se será ou não praticável. Quanto aos pontos 1 e 2, os professores e alunos devem estar sensibilizados para os objectivos destas aulas e aqueles devem discutir entre si que temas abordar com os alunos, que possam contribuir para a sua formação global, para a sua motivação geral.

Há alguns dias atrás, fui fazer uma substituição com uma outra colega, para a mesma turma do 7º ano de escolaridade. A professora (de Artes Visuais) que faltou deixou umas fichas para os alunos resolverem.

Aconteceu que as fichas não podiam ser totalmente realizadas porque faltavam uns suportes que eram necessários para a tarefa. Não fiquei preocupado com o facto pois já há algum tempo que tinha preparado algumas actividades para realizar com os alunos neste tipo de aulas. São jogos diversos – de matemática, de português, etc. – que permitem desenvolver a capacidade de raciocínio lógico, a capacidade de análise da língua materna, etc..

Propus aos alunos um dos jogos, que li, e verifiquei qual a sua reacção. Uma parte deles mostrou-se logo interessada. Os restantes acabaram por se interessar, com o desenrolar da actividade.

Bom, foi uma aula muito interessante, com alunos bastante motivados, intervenientes, activos, o que permitiu tirar algumas conclusões, nomeadamente que havia alunos com fraco aproveitamento a Matemática mas que revelaram uma capacidade de raciocínio lógico que as suas notas não traduziam.

Vou dar um exemplo do primeiro problema colocado a esta turma do 7º ano, para se compreender a situação: ‘Preciso de medir 4 litros de água, com precisão. Para o efeito, só disponho de um garrafão de 5 litros e outro de 3 litros. Como é que eu vou resolver este problema?’. Um dos alunos ofereceu-se logo para ir escrever no quadro o problema, para que todos pudessem participar.

Foi este problema que iniciou a aula de substituição e que provocou enorme debate entre os alunos e vontade de participarem. Por isso, acredito que há formas de conduzir o aluno à participação activa, ao interesse pelos assuntos e à motivação geral. Evidentemente que nem sempre as aulas podem ser deste tipo, mas algumas podem.

Com a massificação do ensino, depois do 25 de Abril, as escolas portuguesas começaram a lutar com muitos problemas, nomeadamente: **excesso de alunos, indisciplina, aumento do insucesso escolar**, entre outros. **A indisciplina e o insucesso escolar (real) não têm parado de aumentar.**

Tanto o insucesso escolar como o problema da indisciplina nunca foram atacados como deveriam ser. **O sucesso escolar não se decreta**, mas sim tomam-se as medidas adequadas para melhorar a qualidade das aprendizagens. Quanto à indisciplina nas escolas, não se assiste a ela como se fosse uma inevitabilidade, mas sim tomam-se as medidas adequadas, mesmo que politicamente incorrectas, desde que eficazes.

Tenho para mim que **a principal causa do insucesso no nosso ensino reside na indisciplina que grassa no Ensino Básico**. Sem resolver o problema da indisciplina não se resolve o problema do insucesso no Básico e, portanto, no Secundário. Com efeito, o insucesso no Secundário é uma consequência directa do insucesso no Básico.

Os alunos do Ensino Básico chegam muito mal preparados ao Ensino Secundário. Isso é flagrante no início do 10º ano. Qualquer teste diagnóstico que se faça no início do 10º ano, às disciplinas fundamentais, mostra a evidência as enormes lacunas existentes, às vezes impensáveis: não sabem a tabuada, não fazem cálculos mentais simples (2 + 6, por exemplo), não sabem estar na aula, não sabem falar normalmente com o professor, nunca estão quietos, conversam constantemente, não ouvem o professor, etc., etc..

Durante o primeiro período inteiro, o professor trava uma luta tremenda para conseguir transformar estes alunos em alguém que é capaz de estar sentado numa mesa calmamente a ouvir o professor ou os colegas, a questionar, a executar tarefas, enfim a fazer aquilo que é suposto um aluno fazer. Os professores já estão tão habituados a esta situação que muitas vezes já nem se lembram que esta situação em que se vive no ensino é completamente anormal, exactamente o oposto daquilo que deve ser o clima numa sala de aula onde se pretende ensinar e aprender.

Pergunto eu, como é possível que ao fim de todos estes anos ainda nada se tenha feito para erradicar a indisciplina das nossas escolas!

A verdade é que **os sucessivos governos** têm tido medo de enfrentar este problema! **Têm medo de dizer aos pais e encarregados de educação que existe um problema grave de indisciplina** que é necessário resolver!

E têm medo porquê?

Têm medo da primeira conclusão óbvia: **'Os pais e encarregados de educação são muito culpados da indisciplina dos filhos'**. Os sucessivos governos precisam de manter a sua base de apoio eleitoral e, na verdade, as famílias deste país, com os filhos e netos no ensino, são uma base eleitoral demasiado forte para os governos se darem ao luxo de pôr em causa os deveres dos encarregados e família.

A actual Ministra da Educação teve uma oportunidade única de enfrentar o problema, mas não quis. Nunca a ouvimos falar sobre o problema da indisciplina nas escolas e muito menos em medidas para a resolver. Na verdade, é muito mais fácil utilizar os professores como bodes expiatórios de tudo o que de mal acontece no ensino. Os professores são os culpados!

A Sra Ministra da Educação chegou a dizer que 'tinha perdido os professores para a sua causa, mas tinha ganho os encarregados de educação'. Como é que se pode esperar algo de positivo de alguém que tem um pensamento destes ?

A Sra Ministra não percebe que não há reforma nenhuma da educação, aqui ou em qualquer parte do mundo, que se faça sem os professores ou contra os professores. Os professores são quem percebe da sua profissão.

A Sra Ministra tinha que ganhar os professores para a sua causa que também será a nossa, se ela for a da melhoria do ensino. Nada melhor para isso do que tomar as medidas de interesse geral, e que são de facto eficazes, como é o combate à indisciplina. Depois, progressivamente ia tomando outras medidas, mas sempre ouvindo quem está no terreno. Mas não, a Sra Ministra partiu de uma premissa errada, que é esta 'os professores são uns malandros, há que os pôr na ordem!'

Os professores não são malandros, os professores gostam do que fazem, os professores gostam dos alunos e preocupam-se com eles, mas querem que a Ministra os ajude e que não seja um obstáculo à resolução dos problemas.

A actuação da Sra Ministra foi mais negativa do que positiva. Conseguiu desmotivar muitos professores, humilhando-os. O ensino não ganha nada com esta situação. E a verdade é que a indisciplina e o insucesso continuam, como estavam, ou ainda pior. Os alunos perceberam a humilhação efectuada aos professores e tentam tirar partido da situação!